

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 40

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica
GUIMARÃES

Redactor principal,
Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 24 de agosto de 1911

Administrador,
A. L. de Carvalho
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAYO GALVÃO

A logica... d'um esquadrão de cavallaria!

... Queriamos que todos se descobrissem, mas por vontade. Sem esta condição, que exemplo offerecemos, exigindo, e que espectáculo nos offerecem, obedecendo? Ah! não interpretemos por tal maneira a liberdade que tanto amamos!

No numero 3 d'este semanario, ha oito mezes que isso foi, assim discorriamos nós a proposito do primeiro incidente passado em terras de Guimarães por causa do hymno nacional—a Portugueza.

Mas, ó desconchavo! Estereis, se não insensatas palavras essas foram, poisque, não só não conseguiram evitar o desaire de successivos desactos ao hymno da Patria, como ainda á vista do espectáculo que nos foi dado prenciar domingo, no jardim publico, ellas se demonstram extravagantes de ingenuidade lyrica...

Aquillo, como o vulgo diz, só visto!

Ao vibrar das primeiras notas do hymno consagrado á Patria toda a assistencia se descobriu... com um esquadrão de cavallaria á vista!

Ficamos disilludidos com semelhante prova, confessamos!

Nós que clamavamos por toda a parte que o respeito ao hymno nacional era uma questão que, para bem se resolver, exigia se ministrassem noções de civismo ao povo; nós que na defeza do referido symbolismo patrio tanto faziamos acreditar que era tudo questão de educação politica, educação a que pelos habitos e costumes o povo estava alheado,—francamente!; somos obrigados, á face dos acontecimentos, a vir declarar que nos enganamos, que em verdade não etamos nós quem tinha razão!

Os processos para nós sublimes, integros de belleza e verdade, ou fossem os da persuasão, convencimento, educação... e mais temperos conciliatorios, com magua o affirmamos, mas, foram vencidos, derrotados, esmagados, postos á margem como inuteis e contraproducentes,—não pela força do respeito que é sempre uma virtude, mas pelo respeito á força que mais das vezes é uma cobardia.

Já, emfim, o povo, as damas, a cidade, todos quantos desafinam uma opinião nesta «terra adorada» se descobrem, «attentos e veneradores», ao ouvir o hymno da nacionalidade. Rehabilitou-se, finalmente, a cidade de Guimarães; que o paiz a tome para o concerto... das terras civilisadas.

Escusam, já agora, obstinados e caturras, renitentes e peitados virem-nos dizer os equivocos, os prejuisos, as apprehensões do seu anterior «modo de pensar» e mais do seu anterior «modo de proceder»; escusam os bons cidadãos de se encommodarem encobrinde, colorindo o seu «sentimento» e a

sua tactica pois descoberta fôra, finalmente, que a unica e singular causa que os levava a conservar o chapéu na cabeça, era—afalta d'um esquadrão de cavallaria á vista.

Elle, o esquadrão, foi a logica, foi o argumento, foi, numa palavra,—a decisão perfeita, a vontade illuminada!

Ai! a logica, a logica!...

Mais uma vez repetimos: Queriamos que todos se descobrissem... mas por vontade. Sem essa condição, que exemplo offerecemos exigindo e que espectáculo nos offerecem, obedecendo?

Ora, e porque não hade conquistar-se, porque não hade incutir-se a vontade no coração do nosso povo? E' elle differente do demais povo portuguez? Vive extranho ás suas sympathias, ou é contrario ás suas aspirações e designios? Não anda porventura a ideia de patria, de que o hymno como a bandeira são symbolismos, fora das paixões politicas, formas de regimens e alheio aos defeitos dos homens ou pugnas de partidos? Porque não deve, pois, Guimarães, seguindo, já agora, as outras terras do paiz respeitar a convenção? Não é a lei que lh'o impõe, não são as suas autoridades, não é a Republica que tal obediencia lhe exige. Não. E' o sentimentalismo ingenito da alma portugueza, é o coração vivo da patria portugueza, é o patriotismo acendrado da familia portugueza quem assim o quer!

Objectam por ahí que a ideia de patria nem só agora é que principia a viver, a existir, para que só agora ella mereça taes demonstrações... Sim. Mas quem não distingue, quem não prescuta que na realidade só agora a ideia de patria é que verdadeiramente principia a viver—tão grande fôra a lethargia que soffreramos?

Está nessa circumstancia a razão dos presentes enthusiasmos populares pelo hymno representativo da Patria Portugueza, como na falta de uso e de ensinamentos civicos se encontra o motivo porque muitos ainda o fazem constangidos...

Em resumo, digamos: moderem os seus enthusiasmos os que muito cuidam de demonstrações exteriores e façam a aprendizagem do bom senso aquelles que suppondo fazer mal á Republica só negam a sua qualidade de portuguezes...

Entendem-no assim—ou querem cavallaria?...

Bohemia Jornalística

A uma dama

V. Ex.ª, minha senhora, tem razão, muitissima razão mesmo, crivando de nomes feios esse convite d'um grupo anonymo de «patriotas» dirigido em manifesto publico ás damas para que estas se levantem quando no jardim a musica execute os accordes bellicos e apaixonados do hymno nacional! Em verdade pretender que V. Ex.ª, as damas, se levantem em tal momento, é não reconhecer que V. Ex.ª não teem alli um momento sequer que estejam sentadas; não é assim?

Depois, eu compreendo do desagrado de V. Ex.ª occasionado por aquella desprimorosa affirmativa inserta no mesmo manifesto—em que se diz que aquella que não annua ao convite, revelará, com isso, ausencia de «educação!» Ah! agora comprehendo bem como deve ser doloroso o ter-se nascido mulher, especialmente numa terra em que os «patriotas» só passam cartas de educação ás damas quando estas façam «alto» e se ponham em posição de «sentido»... ao tocar o hymno nacional!

Ai, mas não façam caso!
Vão V. Ex.ª como até qui ouvir a musica ao jardim; levantem-se, passem em ou conservem-se sentadas, nada importa, absolutamente nada diz ao caso,—contanto que V. Ex.ª estejam até ao fim da musica e não fujam (é o termo) com medo ao hymno nacional!

E' nisso que consiste a boa educação, educação civica, e o melhor respeito que o hymno pode desejar.

O nosso sentimento republicano tudo prefere—tudo! attenda V. Ex.ª—a vel-as «fugir»... consultando a altura do programma. Sobretudo não nos façam soffrer a turtura da ausencia com meia hora de anticipação! O amor em meia hora de musica no jardim realisa prodigios, emquanto que a Republica nada perde com a falta de exhibicionismo e affirmações exteriores...

Está satisfeita com esta opinião?
Pois offereço-l'ha, em bandeja de prata, d'alma ajoelhada, como se eu fôra um poeta lyrico.

Com sympathia,

Fulano de Tal.

EM FOCO...

Os «terribes,, bichos!

—Tudo combinado! hein, rapazes!

Lodam nas unhas... um beijo na mulher—emfim, ha viver e ha morrer!—e toca p'rá cidade! aren-gava um chefe de choça.

—Havemos de dar cabo d'aquelles ladrões... dos republicanos; conte connosco «Ser'Antoninho!» esteja descansado «Sê'Francisquinho!» completava um dos do bando ousado.

—Eia, rapaziada d'um canello! Vá, mais uma bucha!... um «golo» mais!... E os cangirões esvasiavam-se prestos, afagavam todas as boccas, andavam de mão em mão, ouvindo-se uns estalidos secos com a lingua que diziam satisfação, e, já agora,—energia, proposito, revindicta.

—E viva a Nossa Mãe Maria Santissima!

—Viva!!! esganiçavam tres du-

ALEGRIA

«Le so urire du monde à mes lèvres grandite

E. SIGNORET.

II

E tu, ó largo Oceano, e vós ondas cantantes
Em que o Sol vai morrer na victoria final,
Ondas verdes e azues levando os marvantes
Onde a saudade cria o amor de Portugal,
Ondas fortes, mostrando a sua face turva,
Ondas mansas erguendo a sua lenta curva
Sobre a espelhada paz do infinito mar,
Ondas que reflectis a belleza que passa
Seja barco a fugir, ou gaiotas a voar,
Ondas cheias de luz, ondas cheias de graça,
Ondas que ides beber aos littoraes em flor
O riso dos jardins, o perfume e a cor,
Ondas que sois no Inverno as doces mensageiras
Da Primavera exulta sob os climas distantes,
Ondas morrendo ao pé das verdes laranjeiras,
Ondas quentes de abril, cerúleas e cantantes,
Ondas que n'esse rythmo em que nos embalaeis
—Bebendo a grande luz das horas sensuaes—
Fazeis do mar um Sol enorme e refulgente,
E que fazeis da Lua, indecisa e dormente,
Um incendio a subir das aguas musicaes!
Ondas que sois a força, ineluctavelmente
Batalhando e gritando a ancia de combate,
E que do vosso longo, incansavel embate
Sats cada vez mais azues e juvenis,
Ondas que daes vigor e graça e pittoresco
—Ponde em volta de nós, do meu claro Paiz,
O sorriso da espuma, eternamente fresco!

João de Barros.

zias de peitos fazendo echo, num guincho muito prolongado.

—Vê lá o que vaes fazer, «home»! lamuriava a tí Francisca olhando a sorte dos seis netos e mais um de vespera,—se a Senhora do Bom Successo o permittisse.

—Não tem que «ber»! É hoje, é hoje! Ou «elles»—e riscava com o vergueiro um grande gesto no ar—ou nós! As mulheres tremiam receios, apertando os filhos contra as saias.

E vai n'isto, o mais novo d'entre elles, estendendo a mão em attitudede tragedia antiga, disse:

—Rapazes! Um por todos e todos por um!

—... e todos por um! disseram constrictos e fortes os da sortida á cidade.

Mais nada. Ao outro dia os jornaes noticiavam em normando: *Graves acontecimentos em Guimarães!*—*Sedição popular em Guimarães!*—*Pronuncios de contrarevolução em Guimarães!* E Guimarães discutido, fallado e escripto, por toda a parte e em todo o paiz foi tomado como terra de atrazados, terra de indigenas,—terra tão fora da civilisação, das ideias e das manifestações vitales do povo portuguez, que, acreditamos,—já muita gente admira por-

que é que Guimarães não é cortado do mappa geographico como terra portugueza, porque é, em summa, que os de Guimarães não usam tanga e tapa-rabos!

Ai, o desconhecimento que ha d'este povo, como nos confunde, como deixa pronunciar tanta injusticia contra esta nossa terra tão amada!

E tudo isto, e todo este mar agitado de más palavras, de invectivas, de terriveis conceitos, de nojos lançados por sobre a terra de Guimarães, tudo isso tem origem—ora vejam!—numa questão de formulas exteriores que, no fundo, não é mais que uma questão de chapellaria, acreditem! Que o digam o Lemos e mais o Martins!...

E as tres duzias d'homens que vinham em seu plano juntarem-se a outras tres duzias d'homens da cidade para assim, numa mole,—estaes a ver!—levantar, agitar, convulsionar em seus arcanos o burgo pacato, esperava á barreira, de orelha afiada e afagando o «landreiro»... a occasião propicia e o signal combinado para a investida heroica de tomar a cidade, fazendo-a—ora pois!—render á fome—depois de se baterem com infan-

teria 20 e mais com o Batalhão dos Voluntários!

Incrível! Grotresco! Palermo! Pois bem: O signal deu-se, as torres tocaram a rebate, vieram os bombeiros á rua, as almas tímidas assustaram-se, penetraram effectivamente estes *terribles* conspiradores no bairro da rua de Couros no inquito (frustado intuito) de ver se confundiam uma seara de varapaus com instrumentos pacíficos de trabalhadores, mas, a verdade é que, não sabiram d'alli, —e, para isso, nada mais foi preciso que um discurso e um conselho! Esta é que é a verdade, snr. juiz Sá Fernandes, integerrimo magistrado encarregado de apurar as responsabilidades do grave e negro feito!

Os *terribles* «bichos»!...
Os pobres diabos!...

NOTA 1.—Descuido na paginação fez passar o período d'este artigo que principia—*Mais nada*, para antes de parte do ultimo que principia—*E as tres duzias, etc.* Emmende o leitor que é benevolo e intelligente.

Pelo regimen

A camara desafronta a cidade dos ultimos acontecimentos, convocando uma sessão publica extraordinaria

Para duma maneira solemne repellar os desacatos succedidos no dia 13 e que tiveram por fim hostilizar o regimen, a camara representante da cidade julgou, e muito bem, dever desfazer a má impressão que, merce do caso, em todo o paiz se repercutira contra a cidade de Guimarães e, para isso, convocara os elementos de representação, collectividades e publico em geral para uma reunião onde se affirmasse a solidariedade ao regimen.

Aberta a sessão com algumas palavras do snr. presidente foi lido pelo secretario o seguinte auto:

Auto demonstrativo de solidariedade com o regime da Republica Portuguesa que prestam os municipios vimaranenses, na forma abaixo

Aos vinte dias do mez d'agosto de mil nove centos e onze, n'esta cidade de Guimarães, Paços do Concelho e sala das sessões da Camara Municipal, pelas onze horas do dia, achando-se reunida a commissão administrativa da camara sob a presidencia do respectivo presidente, o cidadão José Pinto Teixeira d'Abreu, e escrivão José Maria Gomes Alves.

Estando a sala repleta de cidadãos representantes das diferentes collectividades d'este concelho, bem como elemento civil e militar abaixo assignados, o cidadão presidente da camara em voz alta e clara disse: que, tendo a commissão administrativa da camara municipal de Guimarães, em sua sessão extraordinaria realisada no dia 17 d'este mez deliberado convocar esta reunião publica para o fim de que os seus municipios tenham amplo ensejo de demonstrar solememente que repellem os desacatos succedidos n'esta cidade, no domingo passado, e, de affirmarem pela forma mais viva e cathorica a sua leal solidariedade com o regime da Republica, e, no cumprimento d'esta deliberação tinha dirigido convites individuaes presentes e elementos civis e militar.

Assim para demonstrar ao governo provisorio da Republica Portuguesa e muito especialmente á nação em geral a solidariedade dos seus municipios com as instituições vigentes, levantava n'esta casa, que é a casa do povo, que é a casa de todos, os seguintes vivas: A' Patria, ao exercito, ao governo provisorio da Republica e ao povo de Guimarães.

Estes vivas foram entusiasticamente correspondidos, dando assim o presidente por dissolvida esta magna reunião.

E, para constar, etc.
Finda a leitura deste documento foi pelo presidente da commissão parochial de Abbação, snr. José Duarte, lido um bem redigido protesto onde, duma maneira eloquente, esta commissão repudiava a solidariedade com os elementos que d'aquella freguezia tomaram parte nos acontecimentos.

Seguidas umas explicações desbertadas por um reparo formulado pelo cidadão A. L. de Carvalho no intuito de ser dada a palavra a quem d'ella pretendesse fazer uso, fallou por fim o illustre administrador do concelho, o qual mais ou menos, (como recortamos do «Porto») diz:

«Ter a maior consideração e estima por todos os republicanos que o eram antes de 5 d'outubro.

O que estes soffreram pelo seu ideal, as luctas e perseguições em que por vezes haviam sido envolvidos davam-lhe, como consequencia logica, o direito de serem estimados pelo governo da Republica que elles ajudaram a fazer.

No entanto, frisava-o bem e muito propositadamente, muito conviria aos interesses e aspirações da Republica que esses republicanos fossem honestos e ordeiros, respeitando as crenças de todos os portuguezes, sem odios nem vinganças pessoais que aviltam, recebendo no seu gremio todos aquellos que, animados das melhores intenções, desejarem colaborar na grande, na immensa obra do resurgimento d'esta Patria querida que pretendemos elevar no grande convivio das nações civilizadas.

Respeitemos todos as crenças de cada um; saibamos orientar este bom povo portuguez tão docil e tão soffredor e vejamos se, dentro em pouco, conseguimos fazer da nossa terra um paiz ideal.

Incutamos-lhe na alma o sagrado principio do respeito ás leis da Republica.

Digamos-lhe que a Republica não é patrimonio d'este ou d'aquelle, mas de todos os portuguezes dignos d'esse nome.

Por si, desde já o declarava, respondia. Não era um *thalassa*, não. Os seus ideaes republicanos não são de occasião, nem mesmo da vespera, são muito anteriores ao 5 d'outubro.

Mas era benevolo, era respeitador de todas as crenças, sem odios, sem motejos inconvenientes e por vezes irritantes, desejando apenas—e era essa toda a sua grande aspiração—que todos os vimaranenses, como todos os portuguezes, emfim, se acolhessem confiadamente á sombra da bandeira da Patria que é, afinal, a bandeira da Republica.

Com isso contava.
No desempenho do logar em que se via investido unica e exclusivamente por amor da Republica, faria cumprir as leis.

E, fosse quem fosse, grande ou pequeno, rico ou pobre, republicano ou não, aquelle que a ellas desobedecesse ou d'ellas abusasse seria rigorosamente punido.

Cumpria assim um duplo dever:—o de auctoridade administrativa, e official do exercito.

São depois levantados vivas á Republica, ao governo, á Patria, etc., sendo estes correspondidos por a grande assistencia.

Sobre a mesa estavam varios officios de collectividades, protestando umas a sua adhesão áquelle acto, outras affirmando que em obediencia aos seus estatutos não podiam tomar parte naquelle manifestação.

!!!

Um artigo "ousado," sobre os acontecimentos de Guimarães

«O claro espirito e grande democrata Basilio Telles dissera um dia estas palavras sinistras: E' preciso arrasar Braga e Guimarães para que a Republica, uma vez feita, se consolide! Enganou-se, pelo que respeita a esta hoje democratica cidade de Braga.

O sopro civilizador de ha muito que transpoz os seus vetustos muros, e na velha cidade dos Arcebispos um nucleo numeroso de paladinos da *idéa nova*, de ha muito que vinha operando uma transformação que, teve como consequencia a inesquecível apothose feita ao dr. Affonso Costa, o vigoroso ministro que melhor representa as tradições e aspirações do Partido Republicano. Braga é hoje civilizada e quem d'isso possa duvidar venha assistir a uma noite de musica no nosso jardim publico.

Ahi encontrará a prova.
E Guimarães? Ah! Guimarães essa ainda se conserva dentro da affirmação de Basilio!

Já Camillo dizia que Guimarães se ufanava de ser o *berço*; mas que a respeito de civilização tambem ainda estava no berço. Hoje como então. Retrograda, agarrada aos estúpidos e velhos preconceitos que se escoam dos carcomidos braços de origens exquisitas, que são as suas reliquias, ella ahi surge como arrogante defensora do *Direito divino* e da monarchia crapulosa dos adeantados e dos adeantadores! Jamais o progresso e o caminhar activo das idéas pôde entrar as suas portas, porque Guimarães, como jumento teimoso, voltava a garupa para a entrada. Os ultimos acontecimentos vêem confirmar o que acabamos de dizer, e, se nos magoaram, não nos suspenderam. Sinos a rebate, vivas á monarchia e ao traidor Couceiro, são coisas que se deviam esperar de Guimarães.

Razão de sobra tinha um nosso querido amigo, republicano de 76, quando, a poucos dias da proclamação da Republica, nos dizia que tinha pena que Guimarães não estivesse proximo da fronteira, porque era um presente que com prazer se offerencia á Hespanha.

Mas se Guimarães não está na fronteira, antes muito no interior de Portugal, e teima em se conservar diferenciada do resto do Paiz, o Governo da Republica tem o dever de a obrigar a integrar-se no sentimento que domina a nossa querida Patria. Acabe o Governo com esse famoso Seminario-Lyceu, *coio* tão prejudicial e perigoso como era Campolide e S. Fiel; crie o Governo o concelho e comarca de Vizella, uma linda e progressiva terra que a isso tem direito; retire o Governo o regimento 20 para outra localidade que melhor o mereça e, em troca, mande-lhe a Guarda Republicana, para, no caso de ser necessario, lhe applicar a therapeutica que o Dr. Eduardo Abreu preconizou para o Porto, e o Governo terá cumprido um dever e conseguirá talvez que Guimarães abra as suas portas á civilização e ao progresso das idéas modernas.

Fallamos como republicanos, e assim temos a certeza de que os nossos raros amigos Vimaranenses comprehenderão a justiça que nos assiste.

D'O Radical.

Devagar: Não está effectiva-

mente ainda conquistada para a Republica esta nossa terra de Guimarães, é certo; mas que «grandes provas» da sua rebeldia contra o regimen conhece o referido semanario para que assim tão desapiedadamente nos trate?

Os ultimos acontecimentos? Mas é preciso ter assistido a elles, é necessario ver de perto os factos, conhecê-los em seus promenores e detalhes, para depois formar juizo seguro—tanto mais quando se queira talhar uma sentença tão feroz, como preconisa o «Radical».

A psychologia deste povo, é a melhor, e, tanto é assim, que é este concelho, mais que o de Braga, uma verdadeira colmeia do trabalho, verificando-se consoladoramente como dia a dia n'elle se introduzem as melhores e mais ousadas innovações de progresso industrial.

Em materia de idéas, em civilização, não andaremos, talvez, muito arredados de Braga... E' uma questão de arrotear, de lançar á terra a boa semente, depois, está claro, de lhe procurar a são.

«A seara verdadeiramente é grande, mas os obreiros poucos» como diz o propheta:

Ora é esse o nosso mal, creia o bem intencionado mas desapiedado collega bracarense.

Porém tudo é questão de tempo, estamos certos. Nós, por exemplo, ainda mantemos a esperanza de que ha-de ser esta terra aquella que em seu futuro melhor saberá engrandecer a Republica...

REPORTAGEM

Intimas

Teem-se retirado algumas familias para as praias, thermas e campo. Não fazemos relato para não termos que soffrer a lembrança de que o nosso bom amigo e grande artista Abel Cardozo está na sua quinta de Gondomar onde elle, oxygenando e pintando quadros, melhor traduz a belleza e a verdade destes versos:

«Oh! quanto vive alegre o que da aldeia A' rustica vivenda se accomoda...»

Que gose, embora o nosso patriarcha da Amizade...

«Mas se lá em Gondomar onde trepou Memoria dos amigos se consente Queira Deus que tão cedo venha á gente Quão cedo desta terra se raspu...»

Está direito?

O nosso amigo, commerciante d'esta praça snr. José de Freitas Costa Soares, enfermou com uma pneumonia.

Estimamos as suas melhoras.

Entrega de declarações

Finda no dia 30 do corrente o prazo de 30 dias para a entrega das declarações do rendimento liquido, em reis, de cada predio, a que são obrigados todos os proprietarios ou usufructuarios de predios urbanos e rusticos, devendo porisso os contribuintes apresentar aos regedores de parochia as referidas declarações com rigorosa exactidão, a fim de poderem reclamar contra qualquer desigualdade ou erro que porventura venha a dar-se na cadastragem dos seus predios.

As declarações são feitas em impressos fornecidos pelos regedores, que os recolherão depois de devidamente preenchidos.

Os acontecimentos do dia 13

Prosegue activamente a formação do auto de investigação criminal sobre as occorrencias que ao largo tanta retumbancia produziram. O digno juiz syndicante tem produzido um trabalho aturado que deve ter como epilogo o envio d'alguns presos para a cadeia do Limoeiro.

E' justo que assim succeda visto o caso ter aspectos de sedicção popular, adrede preparada.

Os reus Agostinho e Joaquim d'Oliveira, de Linhares, freguezia de Pinheiro, foram detidos e presos em Melgaço quando pretendiam passar a fronteira. Sobre estes recache a aggravante de serem os instigadores e aliciadores dos elementos vindos da aldeia para a jornada ingloria da noite do dia 13.

Os commerciantes Antonio Machado, Pedro de Freitas, os «Lampadas» e outros, não responderam á intimação porque não fôram encontrados e se ignora o seu paradeiro.

O jogo em Vizella

O digno administrador do concelho descobrindo diferenças de tratamento adoptadas para com as casas de batota em Vizella, determinou que o jogo alli fosse prohibido.

Excursão

Dizem os jornaes que deve vir no proximo domingo uma excursão republicana a esta cidade. Ignoramos o que de positivo ha sobre esta visita dos republicanos portuenses, achando-a com tudo conveniente pelos natuaraes effectos da propaganda que d'estas visitas sempre se colhe.

Dr. Alfredo Pimenta

Este nosso distincto conterraneo é collaborador assiduo da «Republica», jornal de que é director o snr. Ministro do Interior Dr. Antonio José d'Almeida.

Os seus artigos primorosos de logica e forma veem firmados com o pseudonymo de Humberto d'Aguiar.

Noticias militares

Fez exame do curso da Escola Central de Sargentos em Mafra, obtendo 19 valores, louvor e premio de 1.ª classe, o 1.º sargento de infantaria 20 snr. Antonio Guerreiro.

—Deu parte de doente no seu quartel o alferes medico miliciano snr. dr. Arthur Teixeira de Lima.

—Recolheu de diligencia á carreira de tiro de Penafiel com a força do seu commando, o 2.º sargento de infantaria 20 snr. Francisco d'Assis Cardoso Rangel.

—Foi readmittido no serviço activo por mais um anno ao 1.º cabo d'infanteria 20, snr. Amadeu de Jesus Figueiredo.

—Foi mandado apresentar no quartel general da 8.ª divisão militar ficando ali como amanuense o 2.º sargento, snr. Cardoso Rangel.

—Houve hontem exercicio para todas as praças de infantaria 20 sob o commando do tenente snr. Francisco Martins Ferreira.

A semana

Foi approvada a constituição, base jurídica e fundamental do paiz. Por estes dias será eleito o presidente da Republica.

Falla-se na formação de dous partidos. Estão já delineados... em artigos de fundo nos jornaes.

O paiz vive em socego. Os conspiradores... ninguem falla nelles.

Jornal para todos

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos; enviem-nos a sua prosa, seja como fôr,—contanto que nella se defenda um principio justo, razoavel, humano, attendivel.

"Segredos,, na Escola Central Feminina

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A calumnia, a inveja e o odio, que tudo corrompem e amesquinham, coando-se insensivelmente por entre os alveolos ascendentes da colmeia da Instrução Primaria atingiram a cella que, até agora, nos parecia inacessível a estas criminosas manifestações de caracteres germinados na lama.

Pasma-se de assombro e maravilham-se as gentes com as *exonerações de excepção*, sem que nada as justifique, a não ser que essa justificação fosse apresentada por quem é capaz de todos os crimes e machinações e se vê crivado de delictos especificados e cuja probidade e dignidade profissionais estão muito em duvida pelo publico honesto e até por entidades officiaes que em vão apresentam, por intermedio do digno Sub-Inspector, as suas queixas a quem superintende e deve olhar para estes assumptos, sem coacção nem favoritismo.

Fallamos assim, porque nos repugnam as prepotencias de quem deve ter criterio e independencia d'acção; porque nos repugnam a incidia e as expansões ridiculas e tolas de prevaricadores odientos que blasonam importancia, espalhando por entre os charcos em que vivem:—«O Antonio Zé, (sic) e o Mourão cumpriram parte do que me prometteram...» E' de pasmar, pela desfaçatez e atrevimento!... Não acham? E' preciso, snr. Inspector da Circumscripção Escolar do Porto, pôr toda esta meada a claro, para que o seu nome e o do Illustre Ministro não sejam abocanhados por uns miseraveis que se dizem educadores de crianças, inoculando a estes, como o exemplo da mentira, da indisciplina e de falsificações a baixesa de sentimentos.

Na qualidade de cidadãos, que presamos a nossa terra e a justiça, cumprimos o patriotico dever de denunciar ao snr. Ministro do Interior o perigo que corre a instrução primaria nesta cidade se S. Ex.^a não ordenar um imparcial e rapido inquerito, para que o povo de Guimarães chegue á extrema necessidade de estabelecer um cerrado cordão sanitario, onde esses reptis damninhos e peçonhentos se acoitem.

(REVISTA DA ALVORADA)

Maravilhas da arte antiga

X

Pelásgios

Como outros povos aryanos vindos do Oriente, estabeleceram-se os pelásgios, perto de 2000 annos antes da nossa era, na Asia Menor, d'onde passaram mais tarde á Grecia e d'ali á Etruria, na Italia.

Nessas regiões deixaram estes povos assignalada a sua passagem com arrojadas construcções de caracter primitivo, mas que, pelas proporções agigantadas dos materiaes empregados, adquiriram a designação de «cyclopicas», attestando poderio e actividade.

Entre essas construcções existe a cidade de Hercules, nome por que é conhecida a cidadella de Tyrintho, em Argos, na Grecia, admiravel pelos blocos polygonaes de que é construida, combinados com pedras de menores dimensões, sem ligação alguma de cimento, mas formando massiços de extraordinaria espessura, que ainda hoje offerecem resistencia enorme.

Em Micênas torna-se notavel o thesouro de Atréu, em forma de grande crypta circular, especie de catacumba, com as pedras sobrepostas em continua saliencia e as arestas cortadas, e aspecto de abobada regularmente curva e espessissima, tendo na unica face visivel da fachada que ainda existe, uma grande porta de fórma egypcia, com o lintel, ou pedra superior transversal, alliviado do peso da muralha por meio de um vão triangular, para evitar a sua fractura.

Mas a acrópole, ou cidadella; Micênas é a mais notavel das ruinas pelásgias, com suas triplizes muralhas de diferentes epochas e diferente acabamento, mas sempre de dimensões estupendas. A sua entrada é feita por alta porta de seis metros por tres de largura, sob a qual se vê a escultura mais antiga que se conhece na Grecia, onde antecederamente habitaram os pelásgios, representando em alto relevo dois leões de tres metros d'alto, erguidos sobre as patas trazeiras, frente a frente e apoiando as patas anteriores sobre uma especie de altar.

Há ainda a acrópole de Sypila, na Asia Menor, uma dupla muralha feita de enormes pedras rectangulares, junto da qual se ergue a catacumba ou «tumulos» de Tantalos, rei da Lydia, para onde dava ingressos uma enorme escadaria, de que se vêem ainda alguns degraus; e o palacio do rei Minias, proximo a Knosso, na ilha de Creta, guarnecido de pinturas a fresco, representando figuras humanas em tamanho natural, notaveis pela sua correcção artistica, distribuidas pelas numerosas salas, como nos palacios assyrios.

Mas, agora reparamos... Para que encobrir ao snr. Director Geral de Instrução o chefe de dança d'esta quadrilha, alma genuina de forçado?

Arranquemos-lhe a mascara, para que o povo saiba de quem tratamos e amarre o rancoroso algoz, cheio de crimes, ao pelourinho que elle merece. Basta dizer duas palavras que causam asco:—*Mario Vieira!*...

E' ainda Troia, a celebrada e lendaria cidade dos pelasgios, a Illion do poema homerico, que aqui merece menção. Situada em Hissarlik, na Asia Menor, onde se tem descoberto vestigios preciosos, era ella protegida e cingida por muralhas e torres que, como as de Micênas, deviam ser formidaveis, o que certamente levou Ullysses a usar do conhecido estratagem do colossal cavallo de madeira, por meio do qual, após dez annos de cerco posto á cidade pelo rei Agamenonon, conseguiu tomal-a e destruil-a, mil e duzentos annos antes da nossa era, como antes succedera a Nive e a Babylonia.

C. P.

RECREIO SCIENTIFICO

Mechanica

—Collocando na parte interior d'um cylindro de papel consistente um objecto um pouco pesado e aquelle com a superficie curva perpendicular a um plano inclinado, tendo o cuidado de que o objecto collado fique um pouco para o extremo mais alto do plano, o cylindro rolará, subindo, se o abandonarmos, devido á gravidade, e só parará quando o corpo adicionado estiver sobre a superficie do plano.

—Um guarda-chuva abre-se se lhe imprimimos um movimento de rotação, porque as varetas, sob a influencia d'este movimento, afastam-se da bengala, tanto mais, quanto maior fôr a rapidez do movimento, pondo-se assim em evidencia a força centrífuga.

—Uma pedra lançada ao ar cae para a terra porque a força attractiva d'esta, a gravidade, a solicita.

—Uma pessoa pôde não morrer se cair d'um primeiro andar e morrer inevitavelmente se cair do sexto, porque, d'esta altura, a velocidade adquirida torna tão violento o choque que o corpo não lhe resiste, o que não succede no primeiro caso, cuja velocidade é muito menor.

—Se deixarmos cair da mesma altura duas moedas, dois pedaços de madeira, etc., perfeitamente eguaes, uma com a face para baixo e outra de perfil, esta chega ao chão mais depressa porque a superficie, sendo maior do que a espessura, a resistencia do ar actua mais n'ella e retarda-lhe o movimento.

—Como prova da resistencia do ar, se lançar-nos da mesma altura uma moeda de vintem e uma rodella de papel, quasi de igual diametro, a moeda chegará primeiro ao chão, o que não succederá se collocarmos a rodella sobre a moeda ou della fizermos uma pequena bola, porque chegam todas ao chão ao mesmo tempo. Na resistencia de ar se fundam os para-quadras.

Ensinando... os que ensinam

Temos em nosso poder um artigo da nossa distincta colaboradora M. B. e que por ter chegado tarde ao nosso poder não inserimos hoje.

Do facto pedimos desculpa.

Considerações geraes

Do livro do Dr. Alfredo Pimenta «Aos conservadores Portuguezes».

Quando se deu no Porto o caso Calmon, a parte liberal do paiz ficou assombrada: o trabalho de sapa dos jesuitas tinha sido admiravel. Hintze Ribeiro publicou um decreto que veio augmentar o perigo: o que até ali vivia clandestinamente passou a viver dentro da lei. O partido republicano, refeito do desastre material e moral de 1891, voltou a trabalhar pelo seu triumpho. E' preciso que se diga que só por si, pela sua acção, pela efficacia dos seus principios, elle já mais chegaria ao poder: era-lhe preciso, e teve-a em abundancia, a cooperação do regime: este, pelos seus attentados á dignidade nacional, pelos seus actos de dia-a-dia, foi o grande semeador da idea republicana no paiz. Assim, quando em 1905, a questão dos tabacos veio pôr em foco a pessoa do rei, a idea republicana viu-se aclamada e temida. D'ahi, as falcitruas eleitoraes, na Azambuja e no Peral, o inicio de chacina em 4 de maio, a chacina de 18 de junho e a dictadura de 1907 a 1908. Mas a idea republicana avançava em confronto como o empirismo mediocre dos lagalhês da monarchia. O fracasso do movimento de 28 de janeiro de 1908, porque seguido do regicídio, devia revelar que havia a vontade tenaz, numa minoria de patriotas, de salvar o paiz.

A monarchia não soube vê-lo. E então aggravou-se a situação, fazendo-se cercar de reacção clerical. O paiz, na sua quasi totalidade, assistia com uma certa lamentavel indiferença á lucta entre as duas forças. No dia 5 de outubro, a força republicana venceu. A Republica foi o resultado final da instabilidade governativa do systema monarchico.

Nunca o partido republicano fizera politica exclusivista, do puro interesse partidario: sempre o bem nacional o inspirou, ou pelo menos inspirou grande parte dos seus dirigentes. O seu programma não era bem o programma de um partido: era o programma de um bom governo nacional. Elaborado em 1891, a sua applicação teve de modificar-se em face das circunstancias do momento, pelo que se refere á oportunidade de certas medidas. Cada anno que passa é um elemento a contar.

Se a Republica se tivesse feito logo após o regicídio, como foi sempre nossa opinião, o estado de espirito publico era de tal modo que a tarefa do governo republicano se tornaria muito facil. Dois annos de governo de D. Manuel foram o sufficiente para o clericalismo dominar, infiltrando-se em todas as camadas, aproveitando a sentimentalidade meridional. Foi um dos grandes erros do Partido Republicano esse de não provocar a conflagração armada no dia 1 de fevereiro, fazendo da morte de D. Carlos, o primeiro acto da Revolução purificadora. Muitos males se teriam evitado. Ter-se-hia impedido a *chantage* manuelina que chegou a roçar pelo desafôro, o triumpho dos clericos, e a preversão moral de certas camadas das gerações novas. A acção do reinado de D. Manuel foi mais nefasta ao paiz, sob o ponto de vista moral, que a acção do reinado de D. Carlos.

Nestas condições, o Programma do Partido Republicano, para a sua integra effectivação, tem de contar com todas estas circunstancias. Não ha que dividir o partido em radicaes e conservadores, como para ali, com leviandade, se tem affirmado: o que ha é a ne-

cessidade de unir o Partido á volta do programma, afim de que elle se pratique sem precipitações mas tambem sem demoras excessivas. Ha que reconstruir definitivamente, em bases solidas, uma nacionalidade. E para esse trabalho, todas as energias são poucas, todos os esforços fracos. Se passamos já a differenciar o pequeno partido republicano em pequenos grupos estereis e inconcidentes, arriscamo-nos a cair no *gáchis* que foi a vida monarchica e a deitar abaixo a Republica como monarchicos fizeram ao seu regime. Se internamente as nossas condições são graves, externamente são mais graves ainda. A Europa está semeada de côrtes que, num momento d'estes, naturalmente se retrahem por um instincto de conservação e de mutua defeza. Paiz pequeno, com o seu orçamento desequilibrado, sem uma marinha sufficientemente forte e sem um exercito sufficientemente armado, com a responsabilidade enorme de um vasto e importante dominio colonial—quasi levamos uma existencia de favor.

A voz dos diplomatas é tanto mais forte e tanto mais impressionante quanto maior é o apoio material em que se escuda. Nas chancelarias não se repara muito nas razões theoricas, na argucia, na intelligencia, na superioridade moral dos embaixadores. Attende-se aos exercitos e aos navios que elles representam. D'ahi, a nossa equívoca situação, depois de proclamada a Republica, junto das nações estrangeiras, das quaes é preciso destacar-se a Hespanha que tem dado todo o apoio tacito ás manobras dos conspiradores anti-republicanos. O que devemos fazer, o que temos a fazer não é positivamente rojarmo-nos nas alturas dos reis da Europa: é concentrarmos-nos na nossa vida interna, trabalharmos com muito juizo para o desenvolvimento das nossas energias e deixarmos-nos de bysantinas discussões, de divagações oratorias. Provocar a differenciação partidaria com outro intuito que não seja o de expurgar o Partido dos elementos demagogicos ou immoraes que o prevertem ou embaraçam na sua acção normal, é lançar a discordia, a anarchia, dentro do que havia de bom paiz.

Alfredo Pimenta.

LANÇANDO O TERROR

Em impressos anonymos e criminosos que esta manhã appareceram debaixo das portas, diz-se e faz-se aviso entre muitas coisas, em linguagem de renegado, que breve uma excursão de carbonarios (sic) viria a Guimarães dar cabo, por meio de bombas, d'algumas casas reacçãoarias! E' palerma o aviso, ninguem o toma a serio, é certo, mas sempre é bom vigiar e indagar o mariola ou mariolas auctores da canalhiça.

«Ser civico:—E' não se eximir aos direitos e deveres civis e politicos.»

Ter civismo é honrar-nos perante o estrangeiro. Exemplos: ser eleitor, ser jurado, ser soldado, consagrar as glorias nacionaes, respeitar os symbolos da Patria, associar-se para fins patrioticos e politicos, etc.,

ALVORADA

SALGADO

RUA 31 DE JANEIRO—GUIMARÃES

Completo sortido de fazendas brancas, miudezas e fazendas de moda
Variedade em colletes d'espartilhos da casa Santos Mattos (fabricantes)
Chá preto e verde de superior qualidade
Vinhos finos da casa Ferreirinha que se vendem por os preços da tabella
Um grande sortido de bordados que se vendem a pezo. Peugas, suspensorios e gravatas para homem e creança. Sabonetes e perfumarias finas.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus ex.^{mos} amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão, 98, junto ao edificio dos Bombeiros Voluntarios, construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos — Retratos em porcellana

Retratos réclame desde 600 reis a duzia — Ampliações inalteraveis desde 2\$000 réis.

Novidades, effeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem póde egular, não hesite em procurar sempre esta casa. Opera-se com todo o tempo.

NOTA: De harmonia com a lei do descanso semanal, esta photographia acha-se encerrada ás segundas-feiras

Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97



CHAPEUS PARA SENHORA E CREANÇA

(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Malas de mão (Bolsas)

LEQUES, muita novidade

Camisaria, Gravataria, Espartilhos e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

— PREÇOS FIXOS —

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.